



DOSSIÊ TEMÁTICO:

ESPAÇOS E DINÂMICAS CULTURAIS NA ÁFRICA SUBSAARIANA

Entrevista



A PRÁTICA DA INVESTIGAÇÃO SOCIOCULTURAL

Por Belchior Faustino Canivete e Tamara de Oliveira Silva

Belchior Faustino Canivete
Arquivo de Patrimônio Cultural (ARPAC),
Moçambique
<http://lattes.cnpq.br/0006663359013097>

Tamara de Oliveira Silva
Mestranda em Educação, Universidade do
Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
<http://lattes.cnpq.br/6927185164850590>
Contato: tamara.geo@gmail.com

Biografia do entrevistado. O professor e pesquisador Belchior Faustino Canivete é graduado em História e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Moçambique. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Brasil. Atualmente é pesquisador no Arquivo de Patrimônio Cultural (ARPAC).

51

Como citar:
CANIVETE, Belchior Faustino; SILVA, Tamara de Oliveira. A prática da pesquisa sociocultural. Considerações de Belchior Canivete. **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 4, p. 51-58, out.- dez. 2022





ENTREVISTA COM BELCHIOR FAUSTINO CANIVETE¹

Boletim GeoÁfrica: *Qual a sua relação com os estudos culturais?*

Belchior Faustino Canivete: Eu realizo o trabalho neste segundo semestre, sobre a cultura moçambicana e também em relação a teoria da cultura, tenho essa experiência de pesquisar, felizmente tive em alguns lugares, como no Rio de Janeiro onde essas questões raciais são muito fortes. Passei por situações de discriminação, mas acho que posso dizer para você, é que felizmente, quando eu cheguei, meus colegas já lá estavam e tinham muita reserva com relação aos policiais.

Sou um cara muito diferente dos moçambicanos, no sentido que sou um pouco mais alto, jogo basquete e naquela altura eu gostava de fazer musculação; cabelo e barbas feitos, era diferente dos estudantes moçambicanos, eu ia a universidade de chinelos, estava sempre de short, e havia esse receio dos moçambicanos no sentido que eu pudesse ter problemas com os policiais, havia essa reserva com os policiais e eu lembro de ter falado com a minha orientadora que é branca, falei com ela em relação a essas questões, então ela me disse que o problema não era o meu cabelo ou barba, a questão era a cor da pele

Então percebi que em relação a questão racial, não se pode fazer juízo *a priori*, pois mesmo aqui em Moçambique, por conta dessas minhas características, sou discriminado no sentido que as pessoas, quando eu estou andando, olham para mim como se eu fosse retirar ou roubar alguma coisa delas por conta da forma como eu ando, a forma como me visto etc.

Escrevi um texto quando estava fazendo pós doutorado na Suíça, intitulado “*Doutor, mas não ... “Doutor sim, mas nunca”* por conta dessa ambiguidade. Pelo fato de eu ser doutor, mas as pessoas olham por conta das minhas características físicas. Tive uma orientadora especial e me emocionei com pessoas brancas e com pessoas negras e eu aprendi tanto com um quanto com o outro. Acho que a maior parte das pessoas com quem eu me relacionava era da área das Ciências Naturais, sendo que sou das Ciências Sociais e uma das coisas que aprendi foi essa questão de você olhar, observar e não emitir juízo de valores.

¹ Entrevista concedida via email em 30/10/2022.



Boletim GeoÁfrica: *Como você considera a relevância dos estudos culturais para uma melhor reflexão do cotidiano?*

Belchior Faustino Canivete: Em relação a questão da cultura, penso que é importante porque é preciso perceber a cultura, os hábitos, os costumes para você poder se localizar nesse contexto. Costumo dizer que muitas coisas como a questão da invenção da cultura, costumo dizer que comecei a inventar a minha cultura nesse contato com os brasileiros, a primeira coisa que eu percebi que afinal eu estava inventando a minha cultura e eu vi uma senhora grávida e com a barriga para fora, porque isso em Moçambique, não acontece, há todo um conjunto de ideias supersticiosas ligadas a isso e quando acontece por exemplo da pessoa perder o bebê, essas ideias são confirmadas.

Então acho que a cultura é muito importante para nós sabermos onde nós estamos e digo isso por exemplo porque foi muito difícil para muitos moçambicanos a questão da homossexualidade, existem homossexuais em Moçambique e de outras orientações sexuais, mas você não tem uma relação frequente com essas pessoas e mesmo você no contexto brasileiro, percebi apesar de haver alguma abertura, ainda há uma certa discriminação, mas para nós, para mim principalmente foi interessante porque perceber estes outros valores permitiu-me chegar à conclusão que não importa, não são os valores, não é orientação sexual que é mais importante, mas há valores humanos que são universais e que são compartilhados por todas as culturas e que os permitem estar próximo, com pessoas de outras orientações, com outros valores, isso foi interessante, esse contato e acho que é isso, tenho tentado valorizar as pessoas independentes e de tentar perceber de onde são seus valores, seus costumes e como nós podemos melhorar a partir dessas diferenças.



Boletim GeoÁfrica: *Qual a importância da sua pesquisa no seu cotidiano?*

Belchior Faustino Canivete: Eu fiz uma apresentação na semana passada para a Universidade Pedagógica, relacionada ao meu trabalho sobre memórias na cidade da Beira e os estudantes perguntaram:

*- Belchior, tudo bem, mas qual é a vantagem de você estudar isso cara?
De você saber em relação a essas memórias subterrâneas?*

Nesse sentido, penso que primeiro tem a ver com a questão da reabilitação de pessoas e meu estudo mostra por exemplo que até 1998 os presidentes dos municípios, eles eram escolhidos centralmente, pelo governo central e partir de 1998, nós temos a introdução das eleições municipais e quando temos essas eleições a cidade da Beira sempre teve uma relação de conflito entre e FRELIMO.

O FRELIMO é o partido de poder, dirigiu a luta armada e foi um dos movimentos que contribui na luta armada e durante as negociações para a independência era conhecida pelo governo português como único movimento legítimo, mas existiram outros movimentos que fizeram a luta armada atuaram durante o período de transição e depois da independência.

Eles são importantes, primeiro para a reabilitação de figuras como Uria Simango, Celina Simeão, Joana Simeão, penso que já é o momento de o governo da FRELIMO dá um voto fácil , fazer um recuo para a história e reconhecer os erros e excessos que foram cometidos depois da independência, reabilitando essas figuras, não sei você tem acesso ao contexto angolano, mas recentemente o presidente João Lourenço, ele pediu desculpas pelos excessos que foram cometidos pelo governo angolano em 1977, tentando reprimir uma legada do golpe de Estado, muitas pessoas foram mortas e agora o governo, deu o certificado/certidão de óbito a essas pessoas que não tinha possuíam tal documento e por outro lado vão ser construída memoriais e esses pedidos de desculpas públicas a essas pessoas.

Penso que esses estudos, eles podem chamar a consciência das pessoas, da sociedade sobre a necessidade de repensarmos a nossa história e reabilitarmos essas figuras, podemos fazer pressão junto ao governo para reabilitação de tais pessoas.



Por outro lado, estou falando de conflitos que assolam Moçambique. Penso que esses trabalhos, são importantes no sentido de chamar atenção para a necessidade, eu acho até que Moçambique, tanto a FRELIMO como RENAMO, eles lidam com uma memória chamada literal, no sentido de que cada um procura tirar vantagens da sua narrativa.

A FRELIMO com a sua narrativa da luta armada e da libertação nacional justificando por exemplo que os chamados combatentes/heróis da geração, eles tendem a ocupar altos cargos, tem direito a serem ricos, tem direito a que seus filhos tenham acesso a cargos públicos, empregos, etc., por conta dessa narrativa que cultua os combatentes da FRELIMO e por conta da sua versão da guerra contra o governo e sublinha o fato de ter lutado pela democracia. O que acontece com essa memória literal e não como uma memória exemplar no sentido de abordar criticamente esses conflitos e ver-se o que que aconteceu, quais foram os erros cometidos e o que que pode ser feito para que essa natureza não volte a acontecer.

Citei na pesquisa em relação as execuções, por exemplo, de Uria Simango e Celina Simango que não tinham nenhum papel nessas organizações. Ela foi morta simplesmente porque era esposa de Uria Simango. É necessário refletirmos sobre os conflitos, o que e como aconteceram, os excessos cometidos, no sentido de não privilegiarmos apenas determinados grupos e pensarmos como nós podemos pensar para que não só estes, mas outras pessoas que também acabaram sendo marginalizadas durante esse período que elas também sejam beneficiadas como esses processos, sendo assim, então é preciso olhar para o passado e vermos que erros foram cometidos e que estão sendo cometidos agora, então é preciso mudar essa abordagem de uma memória literal para uma memória exemplar, eu acho que está faltando isso e penso que esses estudos podem ajudar nesse sentido.

Boletim GeoÁfrica: *Quais as suas considerações em relação a abordagem sobre as várias culturas existentes no continente africano, abordadas por Kwame Appiah em seu livro A Casa de meu Pai?*

Belchior Faustino Canivete: Era interessante ver o que o estudante brasileiro pensava sobre a África, de nossos países de origem, que não tínhamos Facebook, que morávamos com os leões etc. E uma coisa interessante que me lembro é de um dia estar no ônibus e o cara, houve uma confusão, e o cara olhar para mim falou: - *O angolano? putz cara...como Angolano?*



Eu moçambicano, é porque no Rio de Janeiro, como há muitos angolanos, ocorre essa tendência de chamar todos os africanos de angolano e em São Paulo, como há muitos nigerianos, eles chamam todos os africanos de nigerianos, isso foi uma coisa que eu notei.

Felizmente eu vi este texto do Kwame Appiah, confesso que esse argumento que se apresenta, não sei em que contexto das aulas, acho e vou passar para os meus alunos da Teoria da Cultura, mas essa visão monolítica, eu acho que não é só da Europa, é também dos moçambicanos daqui e dentro do seu contexto, eu percebo quando, muito das vezes quando damos aula de cultura, quando damos aula de identidade e nós tentamos mostrar essa ideia de que a cultura é dinâmica. A cultura aqui também, os grupos são estatísticos, eles têm uma determinada essência e o que eu tenho tentado desnaturalizar é mostrar como que você que nasceu numa cultura, não necessariamente quer dizer que você tenha essa identidade cultural, essa identidade ela é dinâmica,

Penso que a Europa tem pouco acesso aos nossos programas moçambicanos mostrando essa diversidade cultural, mostrando estudos onde se abordam essa relação entre esses grupos e essa mudança de alguns traços, de alguns elementos culturais acho que pode ser interessante. Sabemos muito sobre o Brasil em termos de programas, mas acho que há poucos programas, por exemplo, moçambicanos passados no Brasil e passados em Portugal, por exemplo, em São Tomé, na Angola, acho que essa pode ser uma boa saída, por exemplo, eu tenho uma filha brasileira e a mãe quer passar para ela estes valores ligados a cultura africana. Ela tem o nome de Dandara, rainha africana, e tem essa questão do cabelo, então espero que ela venha a procurar conhecer, não apenas a cultura do pai, mas conhecer as várias culturas do pai, conhecer as minhas várias culturas. Ficarei muito contente, e espero que ela tenha contato com essas várias culturas no sentido de perceber que há uma grande mudança, uma grande diversidade cultural nesse contexto em que o pai foi nascido.

Boletim GeoÁfrica: *Como você avalia a sua participação como um dos autores do livro organizado pela professora Myrian Sepúlveda dos Santos?*

Belchior Faustino Canivete: Eu posso falar deste livro, mas este livro não é meu, o livro foi organizado por Myrian Sepúlveda dos Santos que foi a minha orientadora de doutorado no Brasil, foi uma experiência fantástica de escrever, a Mirian em termo de revisão e orientação é nota 10. Ela me deu o prazer de contribuir com um artigo nessa publicação, onde busco mostrar nessa



discussão é refletir um pouco sobre o campo da história da memória em Moçambique, mostrando como que ocorre um processo de construção de uma memória da luta armada e libertação nacional pelo governo da FRELIMO.

Onde essa memória que dá sentido a essa identidade nacional. Essa memória da luta armada é construída através de estátuas, museus, festivais. Ela possui uma narrativa, que glorifica o presidente da FRELIMO, cultuando os combatentes enfatizando as zonas libertadas como única experiência dos moçambicanos.

No segundo momento eu procuro mostrar como é que há lembranças invisíveis, como por exemplo, a experiência dos antigos moçambicanos que fizeram parte das tropas especiais do comando e você não pode construir uma narrativa heroica falando essas coisas, e abordo, por exemplo, dessas execuções, essas questões começam aparecer depois da introdução da do sistema democrático em Moçambique em 1992. Sendo assim, essas memórias subterrâneas vão emergir e começam a disputar com essas narrativas hegemônicas oficialmente construída e o meu estudo na Beira, mostra como essa interpretação hegemônica oficial ela está sendo disputada por outras interpretações promovidas principalmente por Daviz Simango, filho de Uria Simango.

Boletim GeoÁfrica: *Como ocorrem as relações entre a sua pesquisa e seu trabalho no instituto?*

Belchior Faustino Canivete: Em relação a última pergunta, citei que estava na semana passada apresentando meu trabalho, em relação a tese de doutorado para os estudantes da Universidade Pedagógica na Faculdade de Ciências Sociais e eles me perguntaram como consigo ainda trabalhar no ARPAC?

A ARPAC é um Instituto ligado ao governo da FRELIMO e nessa discussão de memória, por exemplo, ARPAC reforça uma determinada versão, do governo da luta armada, da luta entre o governo colonial português.

Entrei para ARPAC em 2007, tinha muitas expectativas em relação a pesquisa e estudo culturais. Desde 1983 e antes de 2000, a ARPAC tinha muito apoio das organizações estrangeiras. Há muito material no ARPAC, muitas fontes primárias sobre campanha de preservação cultural etc. Acredito que é preciso sentar-se e perceber-se o que se pretende realmente com ARPAC, qual é o objetivo mesma? O instituto trabalha com memórias, faz pesquisas sobre estudos urbanos, temos algumas pesquisas sobre étnico-linguístico, mas basicamente nós não fazemos nada, e eu



confessei a você que a única coisa que me permite estar no ARPAC agora é que eu posso ver outras opções, posso fazer outras coisas, sem necessariamente estar sendo pressionado, porque sinceramente o ARPAC em termo de produção, acho que deveria ser fechada.

É preciso refletir porque há várias possibilidades de trabalharmos com essas questões ligadas a culturas com a parceria de grande nome ligado a pesquisa sobre a estrutura de estudos culturais e sobre as questões da cultura.

Infelizmente, existe um problema em relação a questão de caixa, falo nesse caso a situação dos dirigentes, mas há um grande desanimo por parte dos pesquisadores em relação a salários, em relação as condições financeiras.

Acredito que é preciso a ARPAC seja pensada não pelos dirigentes, mas por pessoas que realmente trabalham e pesquisam a cultura e deve ser pensando não só do ponto de vista político, mas pelo ponto de vista acadêmico.

Esse é o grande problema, como é que você pode pensar academia num contexto muito politizado, é difícil, assim acabamos matando uma instituição que tem muito potencial, do ponto de vista do patrimônio e da cultura.